

DESAFIOS E DIFICULDADES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS INCLUSOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria das Graças Ferreira de Campos Zurlo¹,

RESUMO - O presente artigo pretende promover reflexões sobre as dificuldades e desafios do professor no processo de alfabetização de alunos com necessidades especiais, e o processo de inclusão desses estudantes no ensino fundamental. Para tanto, dividimos nossa reflexão em quatro partes. Num primeiro momento pensamos o espaço escolar como espaço de construção da Outredade. A Outredade, é para Alain Touraine (1997), um espaço, ou modo de agir voltado para o Outro, para o respeito ao Outro como Sujeito. Acreditamos que a escola tem o potencial de ser um espaço desse tipo, devido a complexidade e o profundo contato com o diferente que a escola proporciona. Num segundo momento, refletimos sobre a escola como espaço de diálogo e diferença, mas também num espaço de construção de identidade. Desse modo, refletimos sobre uma identidade que seja reflexiva e dialógica a partir do ambiente escolar. Nos terceiro e quarto momentos, nos debruçamos sobre a construção do saber, especificamente sobre o processo de alfabetização de alunos com necessidades especiais nesse espaço de igualdade na diferença que é a sala de aula. Por fim, refletimos sobre as dificuldades dos professores e professoras nesse processo tão essencial ao mesmo tempo desafiador que é a alfabetização de alunos com necessidades especiais, dificuldades essas imensas, mas que procuraremos sintetizar as principais nuances no texto que segue, para que medidas assertivas possam ser pensadas, afim de que o professor alfabetizador seja mais feliz em seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Dificuldades. Educação Especial. Identidade. Inclusão.

¹ Graduanda da Licenciatura em Pedagogia, email: grazu@uol.com.br

CHALLENGES AND DIFFICULTIES IN THE LITERACY PROCESS OF STUDENTS WITH SPECIAL INCLUDED IN NEEDS IN ELEMENTARY SCHOOL.

ABSTRACT

This article intends to reflect on the difficulties and challenges of the teacher in the literacy process of students with special needs. To this end, we have divided our reflection into four parts. At first, we think of the school space as a space for the construction of Outredade. The Otherness, for Alain Touraine (1997), is a space, or way of acting towards the Other, towards respect for the Other as a Subject. We believe that the school has the potential to be such a space, due to the complexity and the deep contact with the different that the school provides. In a second moment, we reflect on the school as a space for dialogue and difference, but also as a space for the construction of identity. In this way, we reflect on an identity that is reflexive and dialogic from the school environment. In the third and fourth moments, we focus on the construction of knowledge, specifically on the literacy process of students with special needs in this space of equality in difference that is the classroom. Finally, we reflect on the difficulties of teachers in this essential and challenging process that is the literacy of students with special needs, immense difficulties, but that we try to synthesize the main nuances in the text that follows, so that perhaps assertive measures can be taken. thought, so that the literacy teacher is happier in his work.

Keywords: Special Education. Literacy. Difficulties. Identity. Included.

1 INTRODUÇÃO

Difícil imaginar um espaço social onde as relações se dão de forma mais complexa do que o ambiente escolar. Espaço onde a diferença se faz presente e a busca pela igualdade exige seu espaço. O espaço escolar é um desses lugares onde o pensamento de Boaventura de Souza Santos mais deveria encontrar eco:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza.
Temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos

descharacteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 1997, p. 123).

No entanto, a escola encontra o desafio de ser um espaço onde diversas formas de pensar e agir convivem juntos, e que a exigência de que diferentes e iguais precisam estar juntos também. Logo, todo um esforço se faz necessário para que a escola seja um lugar de acolhimento e respeito. Pessoas de credos diferentes, de situações econômicas diferentes, de cores diferentes, de etnias distintas, de tipos familiares diversos, de opções sexuais idem e também de necessidades locomotoras, mentais ou de audição, visão etc. devem ter seu espaço garantido na escola, e não só, mas que também se sintam iguais em suas diferenças. Segundo Freire (1974, p. 74): *“A escola será cada vez melhor, na medida em que cada ser se comportar como colega, como amigo, como irmão”*.

Faz-se necessário pensar uma educação não puramente instrumental, onde os alunos terão conhecimento tão somente para o mundo do trabalho e acadêmico, mas sim uma escola que pense a educação de seus alunos também para a Outredade. Por ser um espaço de convívio com a diferença, a escola deve ser um lugar de construção de empatia e de respeito ao outro, um espaço onde preconceitos, xenofobias, misoginias, racismos e demais formas de exclusão sejam desconstruídas. A escola deve ser esse espaço outro, onde se necessário for, ponha em xeque e ressignifique modelos de educação familiar, onde os itens acima citados sejam presentes.

Nesse sentido, pensamos que a escola tem papel fundamental na construção disso que chamamos de Outredade (Touraine, 1997), e do respeito a historicidade de cada aluno (Touraine, 2007). Desse modo, para pensar esses e outros elementos, o presente trabalho foi dividido em quatro partes. Na primeira parte, pretendemos refletir sobre a ideia de uma educação voltada para essa Outredade da qual estamos falando, educação essa que vise a construção de um pensamento onde a construção do Sujeito

aluno se dá na relação de respeito ao Outro. Num segundo momento, refletimos sobre essa relação com o Outro na construção da própria identidade individual, identidade essa pensada numa relação mais reflexiva, menos sólida, voltada para a construção do si mesmo, mas sempre pensando no outro, que também não deixa de ser um si mesmo.

Essa reflexão, tanto da construção da Outredade, quanto de uma identidade reflexiva, tem sua importância quando na terceira parte do presente texto, refletimos sobre o processo e a importância da alfabetização das crianças com necessidades especiais nesse espaço de respeito e alteridade que deve ser a escola.

Num quarto e último momento, não podemos deixar de refletir sobre as dificuldades encontradas pelo professor alfabetizador. Nessa parte, nos deteremos sobre as angústias, medos e resistências várias que o educador de crianças com necessidades especiais enfrenta. Com isso pretendemos manter o processo de criticidade e reflexão com vistas à melhoria constante dos espaços de educação bem como da melhoria das condições do ser professor no Brasil.

2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA CONSTRUÇÃO DA OUTREDADE, ALFABETIZANDO O RESPEITO

Ao nascermos temos somente nossos pais ou as pessoas que nos cercam como referência. É a partir das nossas referências paternas, das pessoas próximas a nós, que vamos construindo um olhar sobre o mundo que nos cerca. À medida que vamos crescendo, vamos aumentando nosso modo de ver e interagir com outras pessoas, e nessa relação poderemos construir uma identidade mais plural ou não. Dependendo de onde vivo, e com quem me relaciono, vou ter amigos e amigas que seguirão um modo de vida parecido com o dos meus pais e conseqüentemente com os amigos dos meus pais. _____

Outredade: Respeito e consideração de igualdade entre tudo e todos os integrantes do universo. Conceito que contém altruísmo (relação entre homínídeos).

A identidade sólida sob esta perspectiva é uma identidade construída com base na semelhança. O modo de agir, o modo de pensar, o modo de interagir e enxergar o mundo tende a ser buscado de modo que se haja conformidade.

Desse modo, a identidade sólida, se aproxima também do tipo de solidariedade apresentada por Durkheim (2002), o qual o chama de solidariedade orgânica. Em resumo, esse tipo de solidariedade é baseado, na solidificação de um tipo de comportamento grupal, tribal e comum, pautado muito mais na semelhança em contraposição à diferença.

A partir disso, já podemos apontar a necessidade de uma educação que rompa com esse tipo de postura e estrutura social, caso ela queira ser uma educação inclusiva. A educação inclusiva deve pautar-se num tipo de sociedade que acolha e receba todas as pessoas em suas diferenças, deve pensar um modo de ser e agir, no qual os alunos, construa uma sociedade que seja mecânica, que busque a interrelação com o Outro e que o receba em sua diferença. A educação para ser inclusiva, não deve pautar-se em dicotomias para segregar, pelo contrário, são as dicotomias, as diferenças que fazem da educação inclusiva seu modo de ser e existir.

Nesse sentido, é importante pensar a identidade que queremos para nossos alunos quando pensamos em educação de um modo geral, e na educação inclusiva de um modo particular, pois ela sinaliza a existência da diferença. É preciso nesse sentido, educar para o olhar. Parafraseando Rubens Alves; a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. E essa beleza está na diferença, seja ela a minha ou a do Outro.

Logo, para pensarmos uma educação inclusiva, temos de refletir antes sobre a importância da palavra inclusão. E ao pensarmos em uma sala de aula onde há a inclusão, temos de pensar primeiramente no aceite, no acolhimento desse Outro diferente, que na realidade somos todos nós, mas que é estigmatizado naquele aluno ou aluna com deficiência física ou mental, e que precisa de maior atenção e afeto. Mas

se não houver esse primeiro e importante passo, a educação inclusiva estará longe de cumprir o seu papel, pois, alocar um aluno com algum tipo de necessidade com uma segunda professora em uma sala que não os acolhe, que não interage e que não os vê, não podemos chamar de inclusiva essa educação da invisibilidade, nem darmos o primeiro passo em direção a Outredade.

Assim, uma educação que se quer inclusiva, deve pautar-se primeiramente na construção de uma identidade que se quer inclusiva. E para que a identidade se construa inclusiva, devemos pensar uma educação para tanto. Percebemos que identidade inclusiva e educação inclusiva fazem parte de uma dialética, cuja práxis, esta pautada no Outro, qualquer que seja esse Outro. Logo, a escola sendo esse lugar onde todos se encontram devemos educar esse nosso olhar para uma identidade que seja aberta a Outredade.

3 A ALFABETIZAÇÃO UMA ETAPA IMPORTANTE NA CONSTRUÇÃO DO SABER DO ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Segundo Paulo Freire (1992, p, 76): *a leitura do mundo precede a leitura das palavras*. É nesse sentido que pensamos a importância de se construir, ou se pensar uma educação na qual o ser Sujeito, o estar junto com o Outro, na qual nós mesmos somos esse Outro, se faz importante. Pensar essa educação que seja inclusiva, que seja voltada para Outredade e para a diferença é um dos principais objetivos dessa reflexão.

Todavia, quando se fala em educação especial, a Outredade ganha um caráter de maior relevância, tendo em vista que a Outredade na educação especial, é marcada por uma diferença visível de fato, entre os alunos.

É nesse sentido, que iniciamos a construção de nossa reflexão pensando numa educação que seja pensada tanto na Outredade, quanto na constituição da própria

identidade. Pensando uma identidade plural, reflexiva e relacional, que seja inclusiva, e onde a diferença não seja vista para além do que ela é: diferença.

Nesse sentido, retomamos a fala de Souza Santos:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 1997, p. 123).

Segundo o Ministério da Educação (2008, p. 03): “*O atendimento educacional especializado - AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas*”.

Nesse sentido, devemos pensar uma educação inclusiva voltada aos alunos com algum tipo de deficiência e/ou necessidade especial como um constate diálogo entre o saber formal; saber esse presente no currículo escolar com um saber-viver-junto, pensando numa educação voltada para à diferença e a Outredade, pois para além de um laudo médico, para além de uma deficiência existe um ser humano, que deve ser tratado como qualquer outro ser humano no que tange ao respeito e ao cuidado.

Todavia, por ser diferente em seus cuidados, esse aluno e aluna deve ter todas as ferramentas possíveis, para que, de acordo com suas necessidades e tempo de aprendizado, atinja o máximo do seu potencial no processo educativo. Nesse caso as adaptações educativas devem vir ao encontro com suas necessidades individuais.

Desse modo, algumas questões e apontamentos se fazem importantes para que o professor se mantenha atento quando estiver em processo de alfabetização de uma criança com algum tipo de necessidade especial:

Uma criança pode ainda estar em processo de alfabetização, mas já manifestar comportamento de letramento? Ou seja, ela não se apropriou totalmente daquilo que a gente chama de “juntar as letras” para fazer

essa formação mais restrita do código, mas ela já consegue perceber em alguns momentos, quando a narrativa para ela é apresentada, de que aquilo é uma música, ou que é uma contação de história, etc. Como o professor consegue perceber que a criança está lidando com essa informação se faz importante para que o professor reveja seu processo de alfabetização para que sua presença com o aluno seja mais assertiva e evolua de modo mais satisfatório (RUSSO, 2012, p. 41).

Outra questão que nos parece importante termos em mente quando lidamos com a alfabetização de crianças com necessidades especiais; uma criança pode estar já alfabetizada, mas não manifestar comportamento de letramento? Aqui a observação se dará quando uma criança se depara com uma narrativa, com determinada leitura, mas ela não consegue compreender muito bem o que ela vai fazer com aquela informação. De uma certa forma, isso não é presente somente nos alunos incluídos, mas esse processo faz parte de todos eles.

Logo, até que ponto, quando os elegemos enquanto professor algumas atividades, quando elegemos alguma estratégia de trabalho, estamos potencializando essa aprendizagem para a alfabetização no contexto, no coletivo, e até que ponto estamos personalizando, individualizando.

Outro aspecto importante para potencializar a alfabetização dos alunos com necessidades especiais é a sala de recursos. A sala de recursos faz parte do “Programa Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais” promulgada no Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007, e tem por objetivo:

Apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 05)

Desse modo, o papel do processo na Sala de Recursos se reveste de grande importância no processo de alfabetização de alunos com necessidades especiais, pois

suas ações ali potencializam a aprendizagem, junto com o professor da turma, junto com o coordenador pedagógico, com os gestores com todos aqueles que fazem parte do cotidiano escolar desse aluno, porque cada estratégia que será pensada, que será proposta, terá de ter uma intencionalidade, que em alguns momentos estará dentro da situação de aprendizagem que o aluno estará vivenciando no processo efetivo de alfabetização na sala de aula, mas em outros momentos estará sendo vivenciado também fora da sala de aula.

Quando trabalhamos com um aluno que tem necessidades de comunicação porque não tem a funcionalidade da fala, ou porque ele não fala nada, ou porque ele somente repete aquilo que as outras pessoas falam, ou porque ele fala somente palavras soltas que nem sempre é possível se contextualizar, precise encontrar quem a contextualize, essa comunicação não vai acontecer somente dentro da sala de aula, essa comunicação vai acontecer em qualquer outro espaço escolar ou até mesmo fora da escola (FERREIRO, 1985, p. 41).

Assim, a Sala de Recursos se torna um aliado importante no processo de alfabetização, em conjunto com a comunidade escolar, pois além de auxiliar o professor e a comunidade escolar com ferramentas que possam ajudar tanto o aluno em seu processo de aprendizagem, quanto o professor em seu processo de ensino, aproxima a comunidade escolar como um todo dentro da Outredade da qual falamos anteriormente, pois o processo de alfabetização estará atrelada com um amplo processo de socialização, intercomunicação e construção da igualdade na diferença.

Acreditamos desse modo, que a Sala de Recursos potencializa a aprendizagem desse aluno com necessidades especiais, pois ela trabalha com o esse específico de cada aluno que em complemento com o que é trabalhado em sala de aula, pode potencializar o aprendizado desse aluno ao longo do processo de alfabetização.

4 AS DIFICULDADES E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Pensar uma educação para o Outro é ao mesmo tempo pensar uma educação para si. Nesse sentido, pensamos que automaticamente, ao pensarmos essa educação para a Outredade, estamos pensando e construindo o nós-mesmo nesse processo, ou seja, só posso reconhecer o Outro quando reconheço a mim mesmo como Sujeito portador de historicidade em processo de construção, ou daquilo que posso chamar de “eu”, e esse “eu” só se dará em relação ao Outro.

Como todo professor ou professora que se preza, um quê de idealismo os compõe em essência. Professor que não se vê sonhador e idealista, no fundo perdeu uma das coisas que motivam o ser professor; a práxis e o sonho.

As dificuldades de ser professor alfabetizador de modo geral, mas em nosso caso, com crianças com necessidades especiais de modo específico, são inúmeras, e de modo resumido pretendemos elencar e refletir sobre algumas delas.

Segundo uma pesquisa realizada pelo INEP e pelo Ministério da Educação que compõem o Censo Escolar de 2009, revela que:

Somente 6% dos professores e professoras da Educação Básica de Ensino, tem formação básica para atuar junto a estudante com algum tipo de deficiência, ou necessidade educacional específica. De acordo com a pesquisa, nos últimos dez anos, houve um aumento de 80%, no número de alunos matriculados com características como: superdotação ou limitações cognitivas, físicas, psíquicas e sensoriais. Atualmente, a rede de ensino no Brasil atende cerca de 1 milhão e 250 mil estudantes com alguma dessas necessidades. Os dados também apresentam uma defasagem na preparação dos professores que atuam exclusivamente com esses alunos. Segundo a pesquisa, 42% estão capacitados para a Educação Especial. A formação é um dos problemas a serem elencados dentre tantos outros (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009, p. 15).

Todavia, devemos pensar que, se por um lado temos uma demanda crescente de alunos com necessidades especiais sendo matriculados em turmas tidas normais, é porque a preocupação de que seus filhos e filhas tenham uma vida normal dentro de suas necessidades é uma preocupação crescente de pais com filhos portadores de

necessidades especiais. Entretanto, a inclusão dessas crianças deve vir com a garantia de oportunizar à essas crianças e jovens um espaço de ensino-aprendizagem garantidor seja de uma educação formal de qualidade bem com um espaço dentro daquilo que chamamos de Outredade.

O que nos parece claro é que a escola precisa de apoio para além de seus muros. Por mais preparado que o professor seja, por melhor que seja os recursos disponíveis na escola, e por mais acolhedora que seja a turma, esses fatores por si só, parecem não atender as demandas que o processo de ensino-aprendizagem de alunos com necessidades especiais demanda.

Um desses fatores externos a escola, mas que é de suma importância, é a aceitação e a colaboração da família. A escola e a família devem manter um diálogo amplo e sincero sobre esse filho/aluno. É comum a escola observar o aluno de modo diferente que os pais. Essa diferença evidentemente é diferente pelo próprio vínculo de se estabelece pais-filho e escola-aluno. Todavia, a relação que deve ser construída não deve ser pautada pela dicotomia, que prejudica a todos, principalmente o educando, mas sim pela proximidade e diálogo. Um desses fatores de estranhamento se dá quando a escola com seu grupo de profissionais procura a família para observar dificuldades apresentadas pelo educando com o intuito de encaminhar para especialistas e encontrar algum tipo de ajuda, por exemplo. E é comum os pais não aceitarem em reconhecer que esse aluno ou aluna precisa de ajuda profissional e as ignoram, acarretando em atraso no desenvolvimento da criança.

Outro fator que poderia facilitar muito o desenvolvimento das atividades do professor de aluno especial e conseqüentemente o desenvolvimento desse aluno é a presença de psicólogos e psicopedagogas nas escolas, o que não é uma realidade na maioria das escolas.

Para finalizar, devemos pensar que há salas nas quais existem mais de um aluno com necessidades especiais, e é sabido que cada aluno demanda um tipo de atenção e

um tipo de abordagem; autismo, déficit de atenção, hiperatividade entres outros. Cada um requer um cuidado diferente. Logo, é delicado exigir que somente um professor dê conta de atender cada aluno em sua necessidade com a mesma qualidade e atenção quando o professor tem sob sua responsabilidade dois, três ou até mais alunos.

Logo, pensar numa educação que se propõe inclusiva, e na qual o processo de alfabetização exista e que seja de qualidade, requer um diálogo multisetorial comprometido com o desenvolvimento intelectual desse educando, e isso requer o compromisso e a delegação de responsabilidades que estão para além da alçada e da capacidade de um professor conseguir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar é um ato de amor e um ato de coragem. Educar está para muito além de ensinar o aluno a ler, escrever, contar, etc. Educar é um exercício que exige oferecer ao educando, possibilidades de pensar criticamente e se posicionar no mundo de modo altero e cidadão. Logo, a marca da escola estará invariavelmente presente no modo de ser e agir de cada um de nós.

Embora forças contrárias existam, o mundo tem pensado de modo mais inclusivo e mais igualitário, muito ainda deve ser feito, muitos muros ainda devem ser derrubados e muitas estruturas de pensamento devem ainda ser desconstruídas, entretanto, um movimento em direção a se pensar uma sociedade e uma escola que sejam mais inclusivas estão sendo feitos, e cabe às forças de mudanças manterem o tensionamento e a postura crítica.

Mais desafiador nessa educação é quando esse outro aluno se apresenta diferente desse padrão imposto. Quando se trata de pessoas com necessidades especiais e deficiências, pensar outramente se faz premente e urgente. Nesse sentido, que iniciamos nossa reflexão pensando uma educação que priorize esse por-se-no-

lugar-do-outro, uma educação que veja a diferença como ela é; a natureza essencial de todo ser humano. Somos diferentes mesmo que em muitos aspectos somos iguais. E essa diferença deve ser valorizada e incentivada; é o princípio da diversidade humana.

Pensar a diferença, é aceitarmos que também o somos, e esse exercício nos constitui. Assim, identidade a humana se constrói nesse diálogo, diálogo entre igualdade e diferença entre identidade e Outredade.

Conseqüentemente, pensamos dessa forma ao falar das dificuldades em se alfabetizar crianças com necessidades especiais, pois suas necessidades são diferentes, mas não somente as necessidades em se aprender a ler e escrever, por exemplo, mas toda a vida de pessoas com deficiência exigirá uma postura diferente daqueles que não o são. Logo, alfabetizar é somente uma dentro de uma gama de construções que serão feitas em torno de uma criança com deficiência, a depender claro, do grau dessa deficiência, mas que, no entanto, exige um modo de ser no mundo altero e outro.

Nesse sentido, pensar outramente exige um constituir-se outramente, e a escola ajudará, do modo como a vemos, nesse processo de construção de uma identidade aberta e reflexiva, uma identidade que se vê voltada pela respeitabilidade e por esse profundo por-se-no-lugar-do-outro.

Assim, as dificuldades enfrentadas sejam pelos professores alfabetizadores bem como pelos alunos com necessidades possam ser vistas por toda sociedade, pais, comunidade civil e política, numa aproximação possível, e que assim sendo emergja um diálogo em constante construção mantido a fim de pôr fim as barreiras que existem, entre a escola e aqueles que negam, dificulta ou não enxergam que o professor é fundamental para que esse aluno que se vê diferente encontre por fim a igualdade na sua diferença.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Amélia; MARQUES, Maria Lucia. **Alfabetização Hoje**. São Paulo: Cortez, 1997.

BARRETO, Lucia Cristina Dalago; SHIMAZAKI, Elsa Midori. **Alfabetização dos alunos público alvo da educação especial: dificuldades dos professores no ensino regular**. Revista Educação Especial, vol. 32, pp. 1-17, 2019. Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3131/313158902043/html/>> acesso em 04, outubro, 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **A Arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

_____. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a heterogeneidade em sala de aula e a diversificação das atividades**: ano 02. Brasília: MEC, SEB, 2009. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_7_MIOLO.pdf. Acesso em: 25 de set. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Operacionais Da Educação Especial Para o Atendimento Educacional Especializado Na Educação Básica** ano 02. Brasília: MEC, SEB, 2008. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_7_MIOLO.pdf. Acesso em: 28, de set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das**

famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. Brasília: MEC, SEB, 2007. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_7_MIOLO.pdf. Acesso em: 28, de set. 2022.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** Martin Claret: São Paulo, 2002.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 2002

KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si: uma teoria da identidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: as molas da ação.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção.** São Paulo: Saraiva, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos.** Lua Nova, São Paulo, 1997.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil: o caminho da construção.** São Paulo: Scipione, 2009.

SINGLY, François de. **Uns com os outros: quando o individualismo cria laços;** Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

TOURAINE, Alain. **Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1997

_____. **Pensar de outro modo.** Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y Sociedad.** Buenos Aires: Losada, 1947.



WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.**
São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.